FREE BOOKS

A REVOLTA DO *BOUNTY*

JÚLIO VERNE

JÚLIO VERNE

A REVOLTA DO BOUNTY

Tradução de António Manuel Cunha e Sá
Ilustrações de Léon Bennet

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS
AVENTURA

Título: A REVOLTA DO *BOUNTY*.

Autor: Júlio Verne (1828 – 1905).

Tradução: António Manuel da Cunha e Sá (1854-1909).

Imagem da capa: Robert Dodd (1748 – 1815).

Ilustrações: Léon Benett (1839 – 1917).

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 37.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: Original e tradução de domínio público (art. 41, *caput* da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). Adaptação textual: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2017.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br,

www.contosdeterror.site

Sumário

A REVOLTA DO *BOUNTY*

SOBRE O AUTOR

A REVOLTA DO *BOUNTY*

I

O Abandono

Nem o menor sopro, nem uma ruga na superfície do mar, nem uma nuvem no céu. Contornam-se com incomparável pureza as constelações do hemisfério austral. As velas do *Bounty* pendem ao longo dos mastros, o barco está imóvel, e o luar, esmorecendo diante da aurora que principia a raiar, ilumina o espaço com indefinível claridade.

O *Bounty*, navio de duzentas e quinze toneladas, tripulado por quarenta e seis homens, largara de Spithead no dia 23 de dezembro de 1787, sob o comando do capitão Bligh, marinheiro experiente, mas um tanto rude, que acompanhara o capitão Cook[1] na sua viagem de exploração.

Tinha o *Bounty* por missão especial transportar para as Antilhas mudas de fruta-pão, árvore que cresce profusamente no arquipélago do Taiti. Depois de uma estação de seis meses na baía de Matavai[2], William Bligh meteu a bordo um milheiro de mudas daquelas árvores, e tomou o rumo das Índias Ocidentais, após curta estada nas ilhas dos Amigos[3].

Muitas vezes, o gênio desconfiado e impetuoso do capitão ocasionara cenas desagradáveis entre ele e alguns dos oficiais. Não obstante, a tranquilidade, que reinava a bordo do *Bounty* ao romper do dia 28 de abril de 1789, não fazia prever os graves acontecimentos que iam dar-se. Efetivamente, tudo parecia sossegado, quando uma insólita agitação se propagou por todo o barco. Alguns marinheiros chegam-se uns aos outros, trocam duas ou três palavras em voz baixa, depois desaparecem em passo cauteloso.

Seria o turno da manhã? Algum acontecimento súbito ocorrera a bordo?

— Sobretudo, nada de ruído, meus amigos — recomendou Fretcher Christian, o imediato do *Bounty.* — Arma a tua pistola, Bob, mas não atires sem ordem minha. Tu, Churchill, pega o machado e faz saltar a fechadura do camarote do capitão. Uma última recomendação: quero-o vivo!

Seguido de uns doze marinheiros armados de espadas, de machados e de pistolas, Christian desceu sorrateiramente à coberta. Em seguida, depois de colocar duas sentinelas em frente do camarote de Stewart e de Peter Hayward, o cabo de marinheiros e o guarda-marinha do *Bounty,* parou diante da porta do capitão.

— Vamos, rapazes — disse —, ombros à frente!

A porta cedeu a um esforço vigoroso, e os marinheiros precipitaram-se no camarote.

Surpreendidos, a princípio, pela escuridão, e talvez refletindo sobre a gravidade dos seus atos, hesitaram por um momento.

— Ei! O que é isto? Quem é que se atreve...? — exclamou o capitão, saltando abaixo do catre.

— Silêncio, Bligh! — intimou Churchill. — Silêncio e não tentes resistir, senão eu te amordaço!

— Não precisas pôr a roupa — acrescentou Bob. — De toda a maneira, farás boa figura quando te enforcarem na ponta do grande mastro.

— Amarra-lhe as mãos atrás das costas, Churchill — ordenou Christian —, e leva-o para o convés.

— Quando se sabe arranjar as coisas, deixa de ser temível o mais terrível dos capitães — observou John Smith, o filósofo do grupo.

Depois, o cortejo, sem se importar em acordar ou não os marinheiros do último turno, que ainda dormiam, subiu a escada e apareceu no convés.

Era uma revolta em ordem. De todos os oficiais de bordo, só Young, um dos guardas-marinhas, fizera causa comum com os revoltosos.

Quanto aos homens da marinhagem, os hesitantes tiveram que ceder por então, e o resto, sem armas e sem chefe, conservavam-se espectadores do drama

que se ia desenrolar em sua presença.

Estavam todos no convés, formados em silêncio. Observavam o aspecto do seu capitão, que, meio nu, avançava de cabeça erguida por entre os seus homens, costumados a tremer diante dele.

— Bligh — disse Christian com voz rude —, estás destituído de teu comando.

— Não te reconheço o direito... — redarguiu o capitão.

— Não percamos tempo com inúteis protestos! — exclamou Christian, que interrompeu Bligh. — Neste momento sou o intérprete de toda a tripulação do *Bounty*. Não havíamos ainda largado da Inglaterra, capitão, e já tínhamos que nos queixar das tuas suspeitas injuriosas, do teu procedimento brutal. Quando digo nós, refiro-me tanto a oficiais como a marinheiros. Nunca obtivemos a satisfação que nos era devida. Como o capitão, tens repelido sempre as nossas queixas com desprezo! Somos então meros cães, para que sejamos insultados a todo o momento? Canalhas, ladrões, mentirosos, salteadores!... Não achavas nenhuma expressão assaz forte, nenhuma injúria suficiente grosseira, para nos dirigir. Na verdade, era preciso não ter brios de homem para suportar semelhante existência! E a mim, que sou teu compatriota, que conheço a tua família, que já fiz duas viagens sob as tuas ordens, a mim me poupaste, por acaso? Não me acusaste, ainda ontem, de ter roubado uma miserável porção de fruta? E a marinhagem? Por uma bagatela, em ferros! Por qualquer coisa, vinte e quatro chicotadas! Ora bem, tudo se paga neste mundo! Foste conosco muito despótico, Bligh. Agora, nós! As tuas injustiças, as tuas insensatas acusações, os tormentos morais e físicos com que há ano e meio oprimes a tua gente, vais expiá-los agora, expiá-los duramente! Capitão, foste julgado por aqueles a quem ofendeste, e estás condenado. Não é assim, camaradas?

— Sim, sim, à morte! — exclamou a maioria dos marinheiros, ameaçando o capitão.

— Capitão Bligh — tornou Christian —, alguns tinham falado em te içarem na extremidade de um cabo entre o céu e a água. Outros propuseram trilhar-te as costas com o gato-de-nove-caudas[4] até a morte. Falta-lhes imaginação. Achei algo melhor. Depois, não és o único culpado. Os que fielmente executam as tuas ordens, por cruéis que sejam, ficariam desesperados por passarem para as minhas ordens. Merecem acompanhar-te aonde o vento te levar. Tragam o bote!

Um murmúrio desaprovador acolheu aquelas últimas palavras de Christian, que não pareceu inquietar-se com isso. O capitão Bligh, depois de enfrentar as ameaças, e aproveitando um instante de silêncio, disse, com voz firme:

— Oficiais e marinheiros, na minha qualidade de oficial da marinha real, comandando o *Bounty*, protesto contra o tratamento por que me querem fazer passar. Se têm razão de queixa contra a maneira por que exerci o meu comando, podem fazer-me julgar por um tribunal marcial. Não refletiram, decerto, sobre a gravidade do ato que vão praticar. Agredirem o seu capitão, e porem-se em revolta contra as leis existentes, é tornarem impossível o seu regresso à pátria, é quererem ser tratados por piratas! Cedo ou tarde, espera-os a morte ignominiosa, a morte dos traidores e rebeldes. Em nome da honra e da obediência que me juraram, chamo-os aos seus deveres!

— Sabemos perfeitamente a que nos expomos — retorquiu Churchill.

— Basta! Chega! — bradou a tripulação, prestes a passar às vias de fato.

— Pois bem — disse Bligh —, se querem por força uma vítima, aqui me têm a mim, mas a mim só! Os meus companheiros, a quem igualmente condenam, não fizeram mais do que executar as minhas ordens!

A sua voz foi então coberta de vociferações, e teve de renunciar à ideia de comover aqueles corações que se haviam tornado desapiedados.

A este tempo, haviam-se tomado as disposições necessárias para se cumprirem as ordens de Christian.

Não obstante, levantara-se acesa discussão entre o imediato e muitos dos revoltosos. Queriam estes que se abandonassem no mar o capitão Bligh e os seus companheiros, sem lhes dar uma arma, sem lhes deixar uma onça de pão.

Alguns — e desta opinião era Churchill — entendiam que o número dos que deviam sair do navio não era bastante considerável. — Era preciso — dizia — desfazerem-se de todos os homens que, por não terem tomado parte diretamente na conjuração, deixavam por isso de ser confiáveis. Não se podia fiar nos que simplesmente aceitavam os fatos consumados. Pela sua parte, as costas ainda lhe ardiam das chicotadas que levara por ter querido desertar em Taiti. O melhor, o mais rápido meio de o curar, seria entregarem-lhe em primeiro lugar o comandante! Saberia muito bem vingar-se, e com as suas próprias mãos!

— Hayward! Hallet! — bradou Christian, dirigindo-se a dois oficiais, sem

se importar com as observações de Churchill. — Desçam para o bote.

— O Que eu te fiz, Christian, para me tratares assim? — perguntou Hayward. — É à morte que me condenas.

— São inúteis as recriminações! Obedece ou senão... Fryer, embarca também!

Mas estes oficiais, em vez de se dirigirem para o bote, aproximaram-se do capitão Bligh. E Fryer, que parecia o mais resoluto, inclinou-se para ele e disse-lhe:

— Comandante, queres tentar assenhorear-te novamente do navio? Não temos armas, é verdade. Mas esses amotinados, surpreendidos, não poderão resistir. Se alguns de entre nós morrerem, que importa! Pode-se tentar a partida! Que te parece?

Já os oficiais tomavam as suas disposições para se lançarem sobre os revoltosos, ocupados em arriar o bote depressa, quando Churchill, a quem não escaparam aquelas palavras, apesar de rapidamente trocadas, os rodeou com alguns homens bem armados, e os fez embarcar à força.

— Millward, Muspratt, Birket, e mais vocês — disse Christian, dirigindo-se a alguns dos marinheiros que não tinham tomado parte na revolta —, desçam à coberta e escolham o que têm de mais precioso! Vocês acompanham o capitão Bligh. Tu, Morrison, vigia-me esses sujeitos. Purcell, leva a tua ferramenta de carpinteiro, dou-te licença.

Dois mastros com as suas velas, alguns pregos, uma serra, meia peça de lona, quatro vasilhas pequenas contendo cento e oito litros de água, cento e cinquenta libras de bolacha, trinta e duas libras de carne de porco salgada, seis garrafas de vinho, seis garrafas de rum, o fornecimento de bebidas espirituosas do capitão, eis quanto os abandonados tiveram licença de levar.

Além disto, atiraram-lhes duas ou três espadas velhas, mas recusaram-lhes toda a espécie de armas de fogo.

— Onde estão então Hayward e Stewart? — perguntou Bligh, quando se viu no bote. — Também eles me atraiçoaram?

Não o tinham atraiçoado. Christian é que resolvera conservá-los a bordo.

Coisa bem perdoável: o desânimo e a fraqueza apossaram-se por um

momento de Bligh.

— Christian — disse —, dou-te a minha palavra de honra de esquecer tudo o que se acaba de passar, se desistires do teu abominável projeto. Pensa, suplico-te, na minha mulher e na minha família! Morrendo eu, que será dos meus?

— Se o capitão fosse homem de alguma honra — tornou-lhe Christian —, as coisas não chegariam a este ponto. Se o senhor mesmo tivesse pensado um pouco na mulher e nas famílias dos demais, não teria sido tão impiedoso e injusto com todos nós.

Por sua vez, no momento de embarcar, o contramestre do navio procurou comover Christian, mas debalde.

— Eu tenho sofrido por muito tempo — retorquiu-lhe Christian, com amargura. — Não sabes quais foram os meus tormentos! Não! Isto não podia durar um dia mais, e depois não ignoras que durante toda a viagem, eu, o imediato deste navio, fui tratado como um cão! Entretanto, ao separar-me do capitão Bligh, que provavelmente não tornarei a ver, não quero, por dó, tirar-lhe toda a esperança de o salvarem… Smith, desce ao camarote do capitão e traz-lhe o uniforme, a carta de curso, o diário e a carteira. Além disso, dá-lhe as minhas tábuas náuticas e o meu próprio sextante. Terá, assim, alguma probabilidade de salvar os companheiros e de ele mesmo se safar da enrascada!

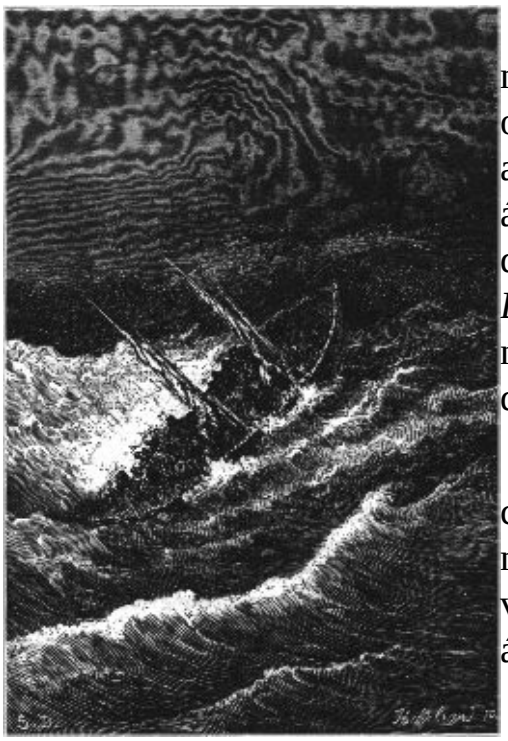
As ordens de Christian foram executadas, não sem alguns protestos.

— E agora, Morrison, larga a amarra — gritou o imediato, que era agora capitão — e à mercê de Deus!

Enquanto os revoltosos saudavam com aclamações irônicas o capitão Bligh e os seus infelizes companheiros, Christian, encostado à trincheira, não podia despregar os olhos do bote que se afastava. Aquele bravo oficial, cuja conduta, até então leal e franca, merecera os elogios de todos os comandantes sob cujas ordens servira, não passava agora de chefe de um bando de piratas. Nunca mais pôde tornar a ver nem a sua velha mãe, nem a sua mulher, nem as margens risonhas da ilha de Man, sua pátria. Sentia-se caído da sua própria estima, desonrado aos olhos de todos! O castigo já se seguia à culpa!

II

Os Abandonados



Com os dezoito passageiros, oficiais e marinheiros, e as poucas provisões que continha, o bote que conduzia Bligh ia tão carregado que apenas levava a borda quinze polegadas fora da água. De vinte e um pés de comprimento e seis de largura, era muito própria para o serviço do *Bounty*. Mas, para conter uma tripulação tão numerosa, para fazer uma viagem comprida, era difícil encontrar embarcação mais detestável.

Confiados na energia e habilidade do capitão Bligh e dos oficiais confundidos na mesma sorte, os marinheiros remavam vigorosamente e o bote sulcava rapidamente as águas.

Bligh não hesitara a respeito da resolução que devia tomar. Em primeiro lugar, era preciso, quanto antes, tornar a abordar a ilha Tofoa, a mais próxima do grupo das ilhas dos Amigos, de onde havia poucos dias tinham zarpado, colher ali frutas-pão, renovar a provisão de água, e depois navegar no rumo de Tonga-Tabu. Aqui poderiam decerto meter mantimentos em quantidade suficiente para fazerem a travessia até aos estabelecimentos holandeses de Timor, se, com receio dos nativos, não quisessem deter-se em alguns dos inúmeros arquipélagos espalhados no caminho.

Passou-se sem incidente o primeiro dia, e anoitecia quando avistaram as costas de Tofoa. Por desgraça, a costa era tão rochosa, a praia tão alcantilada que não se podia ali desembarcar de noite.

Tiveram de esperar pelo dia. Salvo no caso de absoluta necessidade, Bligh resolvera não tocar nos mantimentos da lancha. Era preciso, pois, que a ilha o sustentasse a ele e à sua gente. Parecia difícil isto, porque a princípio não viram em terra vestígios de habitantes. Não tardaram, contudo, alguns a mostrar-se, e, como foram bem recebidos, trouxeram outros consigo, que forneceram um pouco de água e alguns cocos.

Era grande o constrangimento de Bligh. Que dizer àqueles nativos que já tinham negociado com o *Bounty* por ocasião da sua primeira estada? Convinha, a todo o custo, ocultar a verdade, a fim de não se destruir o prestígio de que os estrangeiros sempre se tinham rodeado naquelas ilhas.

Dizerem que eram enviados em busca de mantimentos pelo navio que ficara ao largo não podia ser, porque o *Bounty* não se avistava sequer do alto das colinas! Dizerem que o navio naufragara, e que os indígenas viam neles os únicos sobreviventes do naufrágio, era a ficção mais verosímil. Talvez que esta ficção os comovesse, os induzisse a completar as provisões do bote. Por isto, Bligh fixou-se nesta última resolução, apesar de perigosa, e preveniu os seus homens, a fim de que todos se combinassem na mentira.

Ao ouvirem a narrativa da marinhagem, os nativos não deram nem sinal de alegria nem de pesar no rosto. Apenas manifestaram profunda admiração, e não se pôde saber o que pensavam a respeito.

No dia 2 de maio, o número dos indígenas que tinham chegado dos outros portos das ilhas aumentou por modo inquietante, e Bligh depressa reconheceu que tinham intenções hostis. Alguns procuravam até puxar a embarcação para a praia, e só se retiraram em face das demonstrações enérgicas do capitão, que teve de os ameaçar com o machado. A este tempo, alguns dos homens que Bligh mandara em exploração traziam uns dezesseis litros de água.

Era chegado o momento de abandonar aquela inóspita ilha. Ao pôr do sol, achava-se tudo pronto, mas não era fácil alcançar o bote. A praia estava guarnecida de grande multidão de indígenas, que batiam com pedras umas nas outras, prontos a arremessá-las. Era preciso que o bote se conservasse a uns bons metros de distância da terra e varasse no momento preciso em que os homens estivessem prontos para embarcar.

Verdadeiramente alarmados com as disposições hostis em que viam os nativos, os ingleses tornaram a descer à praia, no meio de duzentos indígenas, que só esperavam um sinal para se arremessarem a eles.

Contudo, acabavam todos de entrar a salvo na embarcação, quando um dos marinheiros, chamado Bancroft, teve a funesta ideia de voltar à praia em busca de certo objeto de que se esquecera. No espaço de um segundo, aquele imprudente viu-se rodeado pelos nativos, que o desancaram à pedrada, sem que os companheiros, privados de armas de fogo, pudessem socorrê-lo. Além disso,

eles mesmos eram atacados, chovendo sobre eles as pedradas.

— Vamos, rapazes, depressa com os remos, e força! — ordenou Bligh.

Os nativos entraram, então, pelo mar e fizeram cair novo chuveiro de pedras. Muitos homens ficaram feridos. Mas Hayward pegou uma pedra que caíra dentro do bote, fez pontaria a um dos assaltantes e apanhou-o entre os olhos. O indígena caiu de costas, soltando um grande grito, ao qual responderam os vivas dos ingleses. Estava vingado o seu infeliz companheiro.

Entretanto, muitas canoas abandonavam a costa e davam-lhes caça. Esta perseguição não poderia terminar sem combate, cujo resultado não seria feliz, quando o cabo de marinheiros teve uma ideia luminosa. Sem saber que imitava Hipômenes na sua corrida com Atalanta[5], despiu a camisa e atirou-a ao mar. Tomando a sombra por presa, os naturais demoraram-se para apanhar o suposto homem, e este expediente permitiu à lancha dobrar a ponta da baía.

A este tempo, anoitecera de todo, e os indígenas, completamente desanimados, suspenderam a perseguição ao bote.

Fora muito malsucedida aquela primeira tentativa de desembarque para ser renovada. Tal era, pelo menos, a opinião do capitão Bligh.

— Agora é que preciso tomar uma resolução — disse. — A cena que acaba de se passar em Tofoa há de renovar-se, estou certo, em Tonga-Tabu, e em todos os pontos aonde nós quisermos abordar. Em pequeno número, sem armas de fogo, estaremos completamente à mercê dos indígenas. Sem objetos que permutemos, não podemos comprar mantimentos, e à viva força é-nos impossível obtê-los. Achamo-nos, portanto, reduzidos aos últimos recursos. Ora, bem sabem, meus amigos, como esses recursos são mesquinhos. Mas não valerá mais contentarmo-nos com o que temos do que arriscarmos a vida de muitos de nós, a cada vez que tornarmos à terra? Não obstante, não quero, por modo algum, ocultar-lhes o horror da nossa situação. Para chegar a Timor, temos que percorrer quase mil e duzentas léguas, e têm de se contentar com uma onça de bolacha e meio quartilho de água por dia! Só a este preço teremos a salvação, e isso com a condição de que me hão de obedecer da maneira mais absoluta. Respondam-me, sem reserva! Consentem em tentar a empresa? Juram obedecer às minhas ordens, sejam elas quais forem? Prometem submeter-se, sem se queixar, a estas privações?

— Sim, sim, juramos! — exclamaram a uma voz os companheiros de Bligh.

— Meus amigos — prosseguiu o capitão —, é preciso esquecer as nossas ofensas recíprocas, as nossas antipatias, os nossos ódios, sacrificar numa palavra os nossos rancores pessoais ao interesse de todos, que é só o que nos deve guiar!

— Prometemos!

— Se cumprirem a sua palavra, ao que, em caso de necessidade, os obrigarei, respondo pela nossa salvação — retorquiu Bligh.

Tomaram então o rumo de Nor-nordeste. Na noite de 4 de maio, houve temporal. Tornou-se tão grossa a vaga que a embarcação desaparecia, parecendo não poder tornar a vir acima. A cada momento o perigo aumentava. Gelados e molhados, os infelizes tiveram naquele dia para se confortarem uma xícara de rum e o quarto de um fruta-pão, já meio podre.

Nos dias que se seguiram não mudou a situação. O bote passou por entre numerosas ilhas, de onde largaram algumas canoas.

Seria para lhe darem caça, seria para fazerem algumas trocas? Na dúvida, era imprudente pararem. Por isso, o bote, com as velas enfunadas, depressa as deixou muito para trás.

A 9 de maio, desencadeou-se uma espantosa tempestade. Sucediam-se. sem interrupção. os relâmpagos e os trovões. A chuva caía com uma força de que não podem dar ideia as mais violentas tempestades. Era impossível fazer secar as roupas. Bligh teve então a ideia de mergulhá-las na água do mar e de as impregnar de sal, a fim de restituir à pele um pouco do calor roubado pela chuva. Contudo, estas chuvas torrenciais, que tanto fizeram sofrer o capitão e os seus companheiros, pouparam-lhes outros tormentos ainda mais horríveis, os da sede, que o calor insuportável não tardaria a fazer-lhes sentir.

No dia 17, pela manhã, em seguida a uma tempestade horrível, os queixumes tornaram-se unânimes.

— Nunca teremos forças para chegarmos à Nova Holanda — bradaram os desgraçados. — Encharcados, exaustos pela fadiga, não teremos nunca um momento de repouso? Meio mortos de fome, capitão, não nos aumentará as rações? Pouco importa que os mantimentos se esgotem! Facilmente os substituiremos, ao chegarmos à Nova Holanda.

— Recuso! — disse Bligh. — Só se estivéssemos doidos! Como? Pois ainda não percorremos metade da distância que nos separa da Austrália, e já

estão desanimados! Demais, julgam fácil encontrar mantimentos na costa da Nova Holanda? Não conhecem então o país e os seus habitantes!

E Bligh pôs-se a pintar a longos traços a natureza do solo, os costumes dos indígenas, a pouca confiança que se devia ter no seu acolhimento, tudo quanto aprendera na sua viagem com o capitão Cook. Daquela vez ainda os seus companheiros o escutaram e se calaram.

Os quinze dias seguintes foram alegrados por um sol que lhes secou a roupa. No dia 27, passaram os escolhos que guarnecem a costa oriental da Nova Holanda. O mar estava tranquilo por trás daquele cinto madrepórico, e alguns grupos de ilhas, de vegetação exótica, alegravam a vista. Desembarcaram, mas avançando com precaução. Não encontraram outros vestígios dos nativos, além de sinais de antigas fogueiras.

Era, portanto, possível passar uma boa noite em terra. Mas precisavam comer. Por fortuna, um dos marinheiros descobriu um banco de ostras. Foi um verdadeiro banquete.

No dia seguinte, Bligh encontrou no bote uma lupa, um isqueiro e enxofre. Podia, portanto, perfeitamente obter fogo para cozer peixe ou caça.

Bligh concebeu então o plano de dividir a sua gente em três grupos. Um dos grupos devia pôr tudo em ordem na embarcação, e os dois outros irem em busca de mantimentos.

Porém, muitos homens queixaram-se amargamente, declarando que preferiam ficar sem jantar a aventurarem-se pela terra adentro. Um deles, mais violento e mais abatido que os camaradas, chegou a dizer ao capitão:

— Um homem vale tanto como outro, e não sei por que o capitão há de estar sempre descansado. Se tem fome, que vá arranjar que comer! O que o capitão faz, também eu posso muito bem fazê-lo!

Compreendendo que este espírito revolucionário devia ser imediatamente sufocado, Bligh empunhou um cutelo e, atirando outro aos pés do rebelde, gritou-lhe:

— Defende-te, ou mato-te como um cão!

Esta atitude enérgica conteve no mesmo instante o marinheiro, e o descontentamento geral desvaneceu-se. Durante esta demora, a tripulação do

bote fez abundante pesca de ostras, pentes[6] e coleta de água doce.

Um pouco mais longe, no estreito de Endeavour, dos dois destacamentos mandados à busca das tartarugas e dos *noddis*[7], o primeiro voltou com as mãos vazias, e o segundo trouxe seis *noddis*, e teria trazido muito mais, se não fosse a teima de um dos caçadores que, tendo-se afastado dos seus companheiros, assustou aqueles pássaros. Mais tarde, esse homem confessou que se apoderara de nove *noddis* e logo ali os comera crus.

Se não fossem os mantimentos e a água doce que acabavam de encontrar na costa da Nova Holanda, é fora de dúvida que Bligh e os seus companheiros teriam perecido. Ainda assim, todos se encontravam num estado lastimoso, macilentos, desfigurados, verdadeiramente cadavéricos.

A viagem no mar largo, para alcançarem Timor, foi simplesmente a dolorosa repetição dos sofrimentos já suportados por aqueles desgraçados antes de chegarem à costa da Nova Holanda. Só havia uma diferença: a força de resistência diminuíra em todos, sem exceção. No fim de alguns dias, tinham as pernas inchadas.

Naquele estado de fraqueza extrema, sentiam-se dominados por uma vontade de dormir quase contínua. Eram os sinais precursores de um fim que não podia tardar muito. Bligh, que notou isto, distribuiu ração dobrada aos mais fracos e diligenciou inspirar-lhes alguma esperança.

Finalmente, no dia 12 de junho, pela manhã, avistaram a costa de Timor, após três mil seiscentas e dezoito léguas de uma travessia realizada em assombrosas condições. O acolhimento que os ingleses encontraram em Coupang foi dos mais agradáveis. Ficaram ali dois meses para se restaurarem. Depois Bligh comprou uma pequena escuna e partiu para a Batávia[8], onde embarcou para Inglaterra.

Foi em 14 de maio de 1790 que os abandonados desembarcaram em Portsmouth. A descrição dos tormentos por que passaram despertou a universal simpatia e a indignação de toda a gente de bom coração. O Almirantado mandou logo armar uma fragata, o *Pandora*, de vinte e quatro peças e cento e sessenta homens de tripulação, e a fez partir em perseguição dos revoltosos do *Bounty*. Vamos ver o que fora feito deles.

III

Os Revoltosos

Depois de ter sido abandonado no mar o capitão Bligh, o *Bounty* enfunara as velas rumo ao Taiti. Chegava, naquele mesmo dia, a Tubuai. O risonho aspecto daquela ilha, cingida por uma faixa de rochas madrepóricas, induzia Christian a desembarcar. Mas pareceram muito ameaçadoras as demonstrações dos habitantes, e o desembarque não se efetuou.

Foi a 6 de junho de 1789 que largaram âncora no porto de Matavai. Ao reconhecerem o *Bounty*, os habitantes de Taiti mostraram-se extremamente surpresos. Os revoltosos encontraram ali os nativos com os quais mantiveram contato numa ocasião anterior, e contaram-lhes uma fábula, na qual tiveram o cuidado de meter o nome do capitão Cook, de quem os habitantes do Taiti conservavam excelente recordação.

No dia 29 de junho, os revoltosos tornaram a partir para Tubuai, e trataram de procurar alguma ilha que ficasse fora da rota ordinária dos navios, cujo solo fosse assaz fértil para os sustentar, e onde pudessem viver em toda a segurança.

Vaguearam, por isso, de arquipélago em arquipélago, cometendo toda a espécie de devastações e de excessos, que a autoridade de Christian só muito raras vezes conseguia evitar. Depois, atraídos mais uma vez pela fertilidade de Taiti, pelos costumes brandos e acessíveis dos seus habitantes, voltaram à baía de Matavai. Ali, dois terços da tripulação foram logo à terra. Mas naquela mesma noite, o *Bounty* levantou âncora e desapareceu, antes que os marinheiros, que haviam desembarcado, tivessem podido suspeitar que Christian tencionava partir sem eles.

Entregues a si mesmos, estes homens estabeleceram-se, sem grande saudade dos companheiros, nos diferentes distritos da ilha. O contramestre Stewart e o guarda-marinha Peter Hayward, os dois oficiais que Christian excetuara da

condenação proferida contra Bligh, e a quem trouxera contra vontade, ficaram em Matavai, em companhia do rei Tippao, cuja irmã Stewart esposou dentro em pouco. Morrison e Millward agregaram-se ao chefe Peno, que lhes deu bom acolhimento. Quanto aos outros marinheiros, meteram-se muito pelo interior da ilha e não tardaram a casar com mulheres de Taiti.

Churchill e um doido chamado Thompson, depois de cometerem toda a espécie de crimes, desavieram-se e brigaram. Churchill morreu na luta, e Thompson foi apedrejado pelos nativos. Assim pereceram dois dos revoltosos que tinham tomado parte mais importante na revolta. Pelo contrário, os outros souberam, com o seu bom procedimento, fazer-se estimar dos habitantes de Taiti.

Entretanto, Morrison e Millward viam constantemente o castigo suspenso sobre a sua cabeça e não podiam viver tranquilos naquela ilha, onde facilmente seriam descobertos. Resolveram, por isso, construir uma escuna, na qual procurariam alcançar a Batávia, a fim de se perderem no meio do mundo civilizado. Com oito dos seus companheiros, sem outra ferramenta mais do que a do carpinteiro, conseguiram, não sem dificuldade, construir um pequeno barco, a que deram o nome de *Resolução,* e ancoraram-no numa baía detrás de uma das pontas de Taiti, chamada a ponta de Vênus. Mas a impossibilidade absoluta em que se viam de obterem velas impediu-lhes que se fizessem ao mar.

A este tempo, fortes na sua inocência, Stewart cultivava um jardim e Peter Hayward reunia os elementos de um vocabulário, que mais tarde foi de grande auxílio aos missionários ingleses.

Haviam passado dezoito meses quando, a 23 de março de 1791, um navio dobrou a ponta de Vênus e fundeou na baía Matavai. Era o *Pandora,* mandado em perseguição dos revoltosos pelo Almirantado inglês. Hayward e Stewart dirigiram-se imediatamente a bordo, declararam os seus nomes e qualidades, contaram que não tinham tomado parte alguma na revolta. Mas não acreditaram neles. Foram logo agrilhoados e, do mesmo modo os seus companheiros, sem previamente se proceder ao menor inquérito. Tratados com a mais revoltante desumanidade, carregados de correntes, ameaçados de serem fuzilados se se servissem da língua do Taiti para conversarem uns com os outros, foram metidos numa gaiola de ferro de onze pés de comprimento, colocada na extremidade do tombadilho, que um amante de mitologia decorou com a denominação de “caixa de Pandora”.

A 19 de maio, o *Pandora* e o *Resolução,* que fora provida de pano,

lançaram-se ao mar. Por espaço de três meses, estes dois barcos cruzaram no arquipélago dos Amigos, onde se supunha que Christian e o resto dos revoltosos poderiam ter-se refugiado. Durante o cruzeiro, o *Resolução*, como demandava pouca água, prestou grandes serviços. Mas, nas paragens da ilha Chatam, desapareceu, e, apesar de por ali estacionar muitos dias o *Pandora*, nunca mais se ouviu falar daquele pequeno barco, nem dos cinco marinheiros que o tripulavam.

Vinha o *Pandora* no rumo da Europa, com os seus prisioneiros, quando no estreito de Torres bateu num banco de coral e soçobrou quase imediatamente com trinta e um dos seus marinheiros e quatro dos revoltosos.

Os tripulantes e os prisioneiros que escaparam do naufrágio alcançaram, então, uma ilhota de areia. Ali os marinheiros e oficiais puderam abrigar-se em barracas. Mas os revoltosos, expostos aos ardores de um sol vertical, viram-se obrigados a enterrar-se na areia até ao pescoço para terem algum alívio. Permaneceram naquela ilha durante alguns dias. Depois, abordaram Timor nos botes do *Pandora*, e, apesar da gravidade das circunstâncias, nem por um momento se deixou de exercer a vigilância de que eram objeto os revoltosos.

Chegando à Inglaterra no mês de junho de 1792, os revoltosos passaram por um conselho de guerra, presidido pelo almirante Hood. Os debates duraram seis dias e terminaram pela absolvição de quatro dos acusados e a condenação à morte dos outros seis, por crime de deserção e tomada do navio confiado à sua guarda. Quatro dos condenados foram enforcados a bordo de um navio de guerra. Os outros dois, Stewart e Peter Hayward, cuja inocência lhes fora afinal reconhecida, obtiveram perdão.

Mas, o que fora feito do *Bounty*? Naufragara com os últimos revoltosos? Eis o que fora impossível saber:

Em 1814, vinte e cinco anos depois da cena com que principia esta narrativa, dois navios de guerra ingleses cruzavam na Oceania sob o comando do capitão Staines. Achavam-se ao sul do arquipélago Perigoso, à vista de uma ilha montanhosa e vulcânica descoberta por Carteret na sua viagem em volta do mundo, e à qual ele dera o nome de Pitcairn. Era apenas um cone, quase sem praia, que se elevava a prumo sobre o mar, revestido até ao cimo de florestas de palmeiras e de árvores de fruta-pão. Nunca fora visitada. Ficava a mil e duzentas milhas de Taiti, a 25° 4’ de latitude sul e 18° 8’ de longitude oeste. Media apenas quatro milhas e meia de circunferência, e apenas milha e meia no seu eixo

principal, e só se sabia a seu respeito o que Carteret referira.

O capitão Staines resolveu operar nela um reconhecimento e procurar um ponto conveniente para desembarque.

Ao aproximar-se da costa, avistou, surpreso, cabanas e plantações, e na praia dois nativos, que lançaram uma embarcação ao mar e atravessaram habilmente a ressaca, dirigindo-se para o navio. Mas foi extraordinária a sua admiração quando ouviu em muito bom inglês dirigirem-lhe estas palavras:

— Olá, atirem-nos uma corda, para facilmente podermos subir a bordo.

Assim que chegaram ao convés, viram-se rodeados os dois robustos remadores pelos marinheiros estupefatos, que os instavam com perguntas a que não sabiam responder. Conduzidos à presença do comandante, foram interrogados por forma regular.

— Quem são?

— Chamo-me Fletcher Christian e o meu companheiro chama-se Young.

Estes nomes nada diziam ao capitão Staines, que estava muito longe de pensar nos sobreviventes do *Bounty.*

— Há quanto tempo estão aqui?

— Nascemos nesta ilha.

— Que idade têm?

— Tenho vinte e cinco anos — respondeu Christian — e Young dezoito.

Christian fez então ao capitão Staines a comovente confissão, cujos pontos principais são os seguintes: Largando de Taiti, onde abandonara vinte e um dos seus camaradas, Christian, que tinha a bordo do *Bounty* a narrativa da viagem do capitão Carteret, dirigira-se diretamente para a ilha Pitcairn, cuja posição lhe parecera conveniente para o fim que tinha em vista. Compunham ainda a tripulação do *Bounty* vinte e um homens. Eram Christian, o aspirante Young e sete marinheiros, seis habitantes de Taiti, tomados na sua ilha, três dos quais com as mulheres, indígenas de Tubuai.

O primeiro cuidado de Christian e dos companheiros, assim que chegaram à ilha Pitcairn, fora destruir o *Bounty,* a fim de não serem descobertos. Desta forma, ficavam impossibilitados de sair da ilha, mas a sua segurança exigia o

sacrifício do barco.

Não podia realizar-se sem dificuldades o estabelecimento da colônia, por ser composta de indivíduos só unidos pela solidariedade do crime. Entre taitianos e ingleses, depressa se travaram sanguinolentas contendas. Por isso, em 1794, só viviam quatro dos amotinados. Christian morrera pela faca de um dos indígenas que trouxera. Tempos depois, todos os habitantes do Taiti tinham sido assassinados.

Um dos ingleses, que descobrira uma maneira de fabricar bebidas espirituosas com a raiz de uma planta nativa, acabara por embrutecer na embriaguez e, num acesso de *delirium tremens*, precipitou-se ao mar do alto dos rochedos.

Outro, tomado de um acesso de loucura furiosa, lançara-se sobre Young e sobre um dos marinheiros, chamado John Adams, que se tinham visto obrigados a matá-lo.

Em 1800, Young morrera de um violento ataque de asma. John Adams era o único sobrevivente dos revoltosos.

Só, com muitas mulheres e vinte crianças, filhos da ligação dos seus camaradas com as mulheres de Taiti, o caráter de John Adams modificara-se profundamente. Tinha então trinta e seis anos apenas. Mas assistira, durante tantos anos, a tanta cena de violência e carnificina, vira a natureza humana sob tão tristes aspectos que, depois de reconsiderar, emendou-se completamente.

Na biblioteca do *Bounty*, conservada na ilha, achavam-se uma Bíblia e muitos livros de orações. John Adams, que os lia frequentemente, converteu-se, educou em excelentes princípios a jovem população, que o considerava como um pai, e veio a ser, pela força das coisas, o legislador, o sumo sacerdote e, por assim dizer, o rei de Pitcairn.

Contudo, até 1814, os seus receios tinham sido contínuos. Em 1795, aproximando-se um navio de Pitcairn, os quatro sobreviventes do *Bounty* esconderam-se em bosques inacessíveis e só se atreveram a aparecer na baía depois da retirada do navio. Em 1808, tiveram a mesma prudência, quando um capitão americano foi desembarcar na ilha, onde se apoderou de um cronômetro e de uma bússola, que fez chegar à posse do Almirantado inglês. Mas o Almirantado não se comoveu à vista daquelas relíquias. É verdade que tinha por aquela época preocupações muito mais graves na Europa[9].

Tal foi a narrativa feita ao capitão Staines pelos dois nativos, ingleses por parte do pai, porque um era filho de Christian e outro filho de Young. Mas quando Staines pediu para ver John Adams, este não quis ir a bordo sem primeiro saber o que lhe fariam.

Depois de assegurar aos dois jovens que John Adams estava salvaguardado pela prescrição, pois que haviam decorrido vinte anos após a revolta do *Bounty*, o comandante desembarcou, e foi recebido em terra por uma população composta de quarenta e seis adultos e de grande número de crianças.

Eram todos altos e vigorosos, com o tipo inglês muito acentuado. As moças, principalmente, tinham admirável beleza, e a sua modéstia dava-lhes um aspecto deveras sedutor.

As leis que vigoravam na ilha eram das mais simples. Antava-se num registo o que cada um ganhava com o seu trabalho. Não se conhecia o dinheiro. Todas as transações se operavam pela troca direta. Mas não havia indústria, porque faltavam as matérias-primas. Os habitantes trajavam unicamente grandes chapéus e tangas de ervas. A pesca e a agricultura, tais eram as suas principais ocupações. Os casamentos só se faziam com licença de John Adams, e depois de o pretendente limpar e cultivar uma porção de terreno suficiente para o sustento da sua futura família.

Depois de colher os mais curiosos documentos acerca daquela ilha perdida nas paragens menos frequentadas do Pacífico, o capitão Staines ganhou novamente o mar e regressou à Europa.

O venerável John Adams terminou a sua carreira tão acidentada. Morreu em 1829, e foi substituído pelo reverendo George Nobbs[10], que ainda desempenhou na ilha as funções de médico, de padre e mestre-escola.

Em 1853, os descendentes dos revoltosos do *Bounty* eram em número de cento e setenta indivíduos. De então para cá, a população não tem feito senão crescer, e tornou-se tão numerosa que três anos depois, grande parte dela teve de se estabelecer na ilha Norfolk, que até ali servira de presídio para os degredados. Mas uma porção dos emigrados tinham saudades de Pitcairn, apesar de Norfolk ser quatro vezes maior, ter um solo riquíssimo e oferecer condições mais favoráveis à existência. No fim de dois anos, muitas famílias regressaram a Pitcairn, onde continuam a prosperar. Tal foi o desenlace de uma aventura que principiara de maneira tão trágica. No começo, rebeldes, assassinos, loucos.

Mas, agora, sob a influência dos princípios da moral cristã e da instrução ministrada por um pobre marinheiro convertido, a ilha Pitcairn tornou-se a pátria de uma população meiga, feliz, hospitaleira, entre a qual se encontram os costumes patriarcais das primeiras idades.

SOBRE O AUTOR

Júlio Verne (Jules Gabiel Verne**)** (1828 – 1905)**,** considerado o pai da ficção científica, é um dos escritores mais lidos e traduzidos da história da literatura, tendo antecipado várias conquistas científicas e tecnológicas, a exemplo da viagem à Lua. É autor de obras inesquecíveis no gênero, a exemplo de “Vinte mil léguas submarinas”, “Viagem ao centro da Terra”, “Da Terra à Lua” & “À roda da Lua”, “A volta ao mundo em oitenta dias” e “A ilha misteriosa”. O Conto “A Revolta do *Bounty*”, baseado em eventos históricos, foi publicado originalmente em “Voyages Extraordinaires”, no ano de 1879.

Notes

[←1]

James Cook (1728 – 1779) foi um célebre explorador, navegador e cartógrafo inglês.

[←2]

Baía situada na costa norte do Taiti. Bligh chegou a essa ilha em 26 de outubro de 1778, após dez meses de viagem.

[←3]

Hoje, as Ilhas dos Amigos (ou Ilhas Amigáveis), situadas na Polinésia, Oceania, correspondem ao Reino de Tonga.

[←4]

Espécie de chicote dotado de nove tiras individuais ligas ao cabo.

[←5]

Na mitologia grega Atlanta, uma grande corredora, prometera casar-se com quem a vencesse numa corrida, reservando, todavia, a morte ao perdedor. A virgem já havia cortado a cabeça de vários pretendentes quando Hipômenes a desafiou. Instruído por Vênus, Hipônemes, durante a corrida, usou três maçãs de ouro, que a deusa lhe fornecera, para distrair Atlanta, que sempre parava para pegá-las e admirar-lhe a beleza. Assim, Hipômenes venceu a corrida, livrou-se da morte e casou-se com Atlanta.

[←6]
Espécie de marisco.

[←7]

Espécie de aves integrantes do gênero dos anous (andorinhas-do-mar).

[←8]

Antigo nome de Jacarta, capital da Indonésia.

[←9]

O Reino Unido encontrava-se em guerra com a França de Napoleão Bonaparte. Nesse mesmo ano, a França invadiu a Espanha e Portugal. Foi, ainda, o ano da chegada de D. João VI e sua de corte, em fuga, ao Brasil.

[←10]

George Hunn Nobbs (1799 – 1844), missionário britânico — não se sabe ao certo se inglês ou irlandês — chegou à ilha Pitcairn em 1828. Lá, onde exercia a função de professor leigo, casou-se com a Sarah Christian, neta do amotinado Fletcher Christian. Na verdade, antes de Nobbs assumir o controle da ilha, esta foi governada pelo tirânico aventureiro americano Joshua Hill (1773 – 1844?).